

Sêneca e a felicidade

Sêneca and happiness

Cleber Duarte Coelho
Doutor em Filosofia-UFSC
Professor Adjunto I da Universidade Federal de Rondônia

Resumo: Buscamos, no presente artigo, analisar o conceito de *felicidade* na obra de Sêneca, bem como a relação com os bens da fortuna, o modo de vida que o sábio estoíco defende para o homem diante das vicissitudes da vida. Noções estas que estão todas relacionadas com o conceito de *felicidade*.

Palavras-chave: Felicidade; Fortuna; Estoicismo.

Abstract: We seek in this article analyzes the concept of happiness in the work of Seneca, as well as the relationship with the goods of fortune, the way of life that advocates for the wise stoic man on the vicissitudes of life. Understanding that these are all related to the concept of happiness.

Keywords: Happiness; Fortuna Stoicism.

Lúcius Annaeus Sêneca é certamente um dos maiores expoentes do estoicismo antigo. Nascido provavelmente no ano quatro de nossa era, Sêneca, a exemplo dos gregos, via na filosofia “a arte de bem viver e morrer”¹.

O pensador cordovês percebia na filosofia sua importância educativa, que deveria acompanhar o homem no seu dia-a-dia, regendo seu *modo de vida*. “Sua filosofia pretende atingir o homem concreto, determinar-lhe a conduta prática, reger a atividade interior e exterior do ser humano, conformando-o com a verdade” (ULLMANN, 1966, p. 10).

No presente artigo, nos deteremos especificamente no conceito de “felicidade” dentro da filosofia senequiana, bem como suas implicações no modo de vida adotado por quem segue os preceitos estoícos. Além de ser um dos maiores expoentes do estoicismo romano, Sêneca teve forte influência sobre pensadores que

¹ ULLMANN, 1996, p. 10.

foram posteriores a ele, como afirma De Boni: “Em Sêneca, de certa forma, compila-se o pensamento estoíco do mundo greco-romano”². Além disso, “o autor exerceu influência direta sobre a patrística latina”³.

A argumentação de Sêneca nas *Cartas a Lucílio* demonstra claramente o quanto este filósofo via na filosofia um caráter prático: “a filosofia não consiste em palavras, mas em ações”⁴. Reafirmando o princípio socrático do “por atos, não por palavras”⁵, Sêneca afirma ser a filosofia a verdadeira guia do homem no mundo, pois seu verdadeiro objetivo “consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos atos, em apontar-nos o que devemos fazer ou por de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos”⁶.

É interessante notar que a semelhança entre o pensamento de Sêneca e o pensamento dos antigos sete sábios gregos é bastante grande. Nos sábios gregos percebemos uma forte noção de que devemos demonstrar nosso caráter pelas nossas ações, que devemos confiar “mais na nobreza de caráter que nos juramentos”⁷, que “seja qual for teu compromisso, honra-o”⁸. Sêneca da mesma forma é categórico quando afirma que devemos comprovar “as palavras com os atos”⁹. A filosofia, como uma busca do bem viver, de um modo de vida feliz, torna-se totalmente vinculada àquilo que todos os homens buscam: a felicidade. Assim nos diz Sêneca, nas primeiras linhas de seu *De Vita Beata (A vida feliz)*: “Gallione, irmão meu, todos os homens desejam a felicidade.”¹⁰. Argumentação idêntica é apresentada numa de suas epístolas morais destinadas a Lucílio: “Toda a gente, contudo, ambiciona ter uma vida feliz”¹¹.

Ao homem voltado à filosofia cabe, portanto, fazer dela a provisão para o caminho, tal qual afirmava Bias de Priene, na Antiga Grécia. Esta visão filosófica de Sêneca, que “levava uma vida interior

² DE BONI, 2003, p.28.

³ DE BONI, *De Abelardo a Lutero-Estudos sobre filosofia prática na Idade Média*, p.56

⁴ SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, carta 16.

⁵ PLATÃO, *Defesa de Sócrates*, 32 d.

⁶ SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, carta 16.

⁷ DIÓGENES LAËRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.*, I, 60.

⁸ DIÓGENES LAËRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.*, I, 98.

⁹ SÊNECA, *cartas a Lucílio.*, Carta 20.

¹⁰ SÊNECA, *A vida feliz*, p.23

¹¹ SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, carta 44.

intensa, fascinado pelos problemas morais”¹², é a visão daquele que vê a filosofia como sendo a própria *vida*. Sêneca acreditava que os verdadeiros tesouros que o ser humano pode conquistar são aqueles que se desenvolvem no interior do homem. Buscaremos, no presente estudo, valermos-nos de diferentes obras do autor supracitado, no intuito de demonstrar como o conceito de felicidade se alicerça e estrutura no interior da obra senequiana. Incontáveis são as referências sobre a felicidade nas *Cartas consolatórias*, no *de Vita Beata (A vida feliz)*, bem como nas *Cartas a Lucílio*. Em todas estas obras, Sêneca apresenta a idéia de felicidade como algo que se encontra no interior do ser humano, independentemente das contingências da fortuna. Por isso afirmava:

Peço-te, Lucílio amigo, age da única maneira possível para obteres a felicidade: repele e despreza aqueles bens que só brilham por fora, que dependem das promessas de fulano ou das benesses de cicrano. Faz do verdadeiro bem o teu alvo, busca a alegria dentro de ti. Que significa “dentro de ti”? Significa que a felicidade se origina em ti mesmo, na melhor parte de ti mesmo. (SÊNECA, CARTA 23)

Ao defender explicitamente que a felicidade reside no interior do homem, Sêneca evidencia um tipo de argumentação que alguns séculos depois também será encontrada, por exemplo, em Boécio. Em seu *De Consolatione Philosophiae*, Boécio nos diz que a autêntica felicidade se encontra além dos bens da fortuna.¹³ Bens da fortuna estes que, nas palavras de Sêneca, acabam gerando aflição para a alma que os adquire, pois não proporcionam quietude àquele que os possui:

A posse dos bens vulgares é uma fonte de preocupações, podem os favores da fortuna acumulá-los, para seus possuidores serão um peso, uma aflição e mesmo, por vezes, um acervo de ilusões. Nenhum destes grandes senhores que tu vês vestidos de púrpura é feliz, como felizes não são os atores trágicos a que o argumento da peça concede o cetro e a clâmide: perante o público, avançam altaneiros nos seus coturnos, mas, terminada a peça,

¹² ULLMANN, 1996, p.13.

¹³ No livro III do *De Consolatione Philosophiae*, Boécio dedica as prosas 3 a 7 para falar dos bens da fortuna, que não trazem ao homem a autêntica felicidade. A influência do estoicismo de Sêneca é bastante evidente nas referidas passagens de Boécio.

descalçam-se e voltam à estatura normal! Nenhum destes homens que as riquezas ou as honras elevam aos píncaros é verdadeiramente grande. (SÊNeca, CARTA 76)

Como vemos, o desprezo aos bens da fortuna evidencia-se no pensamento do cordovês, que elenca tantos falsos bens que não conduzem à autêntica felicidade. Desta forma, como ressalta Luis Alberto de Boni: “Para o estoicismo, seguir a própria natureza constitui a lei primeira, a cuja imanência reduz-se não só qualquer projeto de vida, como também toda e qualquer concepção de divindade, visto que Deus e a natureza identificam-se.”¹⁴ Sêneca defende categoricamente que o sumo bem não se encontra na inconstante e mutável fortuna. É necessário estar acima de suas contingências:

A via que conduz ao cume da dignidade é extremamente árdua, mas se te dispuseres a preparar até estas alturas sobre as quais a fortuna não tem poder, então poderás ver a teus pés tudo quanto a opinião vulgar considera eminentíssimo, e desse ponto em diante teu caminho será plano até o supremo bem. (SÊNeca, CARTA 84)

Tantas são as referências nas obras de Sêneca quanto à falsa felicidade proporcionada pela fortuna, que o princípio estóico da imperturbabilidade torna-se evidente.¹⁵ O sábio não se altera diante das vicissitudes e contingências que lhe circundam, como podemos perceber nesta significativa passagem:

Crê-me que é mais feliz aquele a quem a fortuna é supérflua do que aquele a quem ela está à disposição. Todos esses bens que nos deleitam com um prazer pomposo, mas enganador: o dinheiro, a dignidade, o poder e muitas outras coisas frente às quais o desejo cego do gênero humano fica atordoado, são adquiridos com esforços, são vistos com inveja, enfim oprimem aqueles mesmos a quem ornar; mais ameaçam o que servem; são frágeis e

¹⁴ DE BONI, 2003, p.56.

¹⁵ “Os maiores bens demonstram inquietude, e as maiores fortunas são as menos confiáveis. Outra felicidade é necessária para conservar a felicidade, e, para os mesmos votos realizados, devem ser feitos novos votos. De fato, tudo aquilo que vem por acaso é instável, e o que mais alto se eleva, mais facilmente cai.” Sêneca, *Sobre a brevidade da vida*, p.73.

incertos, nunca são tidos com segurança: na verdade, mesmo se nada há a temer do futuro, a própria guarda de uma grande felicidade é angustiante. (SÊNECA , 1992, p. 106-107)

Evidentemente que esta “grande felicidade” à qual Sêneca se refere não é a felicidade autêntica, mas aquela permeada e emaranhada por tormentos, proveniente da fortuna. A autêntica felicidade, por outro lado, conduziria o homem a uma inteireza de espírito, levaria o homem a ter uma imperturbabilidade diante das vicissitudes da vida, um total domínio de si. Diz o próprio Sêneca: “Quem é dono de si próprio não pode perder nada. Mas quantos são os que sabem ser donos de si próprios?!” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, Carta 42.)

As vicissitudes do mundo, nos diz Sêneca, tornam o homem inquieto e angustiado. A roda da fortuna, com suas inconstâncias, perturba o espírito humano que não consegue apaziguar-se diante da miríade de contingências na qual se vê mergulhado:

Coragem, observa todos os mortais, por toda a parte há ampla e contínua razão de chorar; uma difícil pobreza chama uns para o trabalho cotidiano, uma ambição inquieta solicita a outros, um teme as riquezas que desejava e sofre com seu próprio desejo; a solidão atormenta um, a estima, a outro, e a turba que sempre assedia o seu vestibulo, a outro; este se queixa de ter filhos, aquele de tê-los perdido. Faltarnos-ão lágrimas antes que razões de chorar. (SÊNECA, *Consolação a Políbio*, p. 101).

As razões para chorar às quais Sêneca se refere são os bens da fortuna que não proporcionam ao homem a completude que o mesmo almeja. São bens transitórios e incompletos, pois não nos proporcionam plena segurança, trazendo-nos, no mais das vezes, ainda mais tormentos.

Não contrariando a tradição histórica que o antecedeu, Sêneca afirma que “toda virtude assenta na justa medida”¹⁶, mas parece demonstrar um certo desprezo pelo corpo. A alma, que encontra sua saúde na filosofia, deve ser o primeiro objeto das atenções: “cultiva, portanto, em primeiro lugar a saúde da alma, e só

¹⁶ SÊNECA., *Cartas a Lucílio*, Carta 66. A tradição histórica à qual nos referimos aqui está ligada às sentenças dos sete sábios gregos, que podem ser encontradas em Diógenes Laértios.

em segundo lugar a saúde do corpo” (SÊNeca, *Cartas a Lucílio*, Carta 15). Mas a tal ponto Sêneca eleva a alma em detrimento do corpo, que ele chega a afirmar que “o desprezo pelo próprio corpo é a certeza da liberdade” (SÊNeca, *Cartas a Lucílio*, Carta 65).

O que percebemos é que Sêneca via o corpo como um lugar de transição, mas que o verdadeiro ser do homem era sua alma. É preciso estar consciente de que “mais tarde ou mais cedo, há de prescindir de sua companhia e assim sentir-te-ás mais forte quando fores obrigado a deixá-lo”¹⁷.

Sêneca via a filosofia como algo tão ligado à vida, que as referências nas *Cartas a Lucílio* quanto ao domínio dos prazeres, justa medida, domínio de si, são inúmeras. Seu caráter consolatório também não foi esquecido, e o pensador cordovês lamentava-se, pois, para ele, “estudamos para a escola, não para a vida” (SÊNeca, *Cartas a Lucílio*, Carta 106). Esse lamento vem de um homem que, assim como Sócrates, foi condenado à morte pela injustiça do mundo.

Sêneca considerava que a filosofia era a própria vida, não se separava dela, justamente por isso lamentava-se por “ver como as pessoas gastam em futilidades a maior parte de uma vida que, mesmo dispendida com maior parcimônia, não seria bastante para as coisas essenciais” (SÊNeca, *Cartas a Lucílio*, Carta 49).

O homem, que se serve desta vida, é definido por Sêneca como um ser racional. É isso que constitui sua essência, e cabe a ele

¹⁷ SÊNeca, *Cartas a Lucílio*, Carta 70. Segundo Ullmann, “o problema do dualismo corpo-alma, tal como o encara Sêneca, revela, de imediato, ter-se pautado, o filósofo, pela concepção pitagórico-órfico-platônica.” (ULLMANN, 1996, p 21). Vale aqui ressaltar uma importante passagem da *Consolação a Mécia*, em que Sêneca evidencia sua concepção de corpo como algo frágil e débil, lugar de transição, não devendo o homem apegar-se àquilo que desde que nasceu, já começa a aproximar-se do momento de deixar: “O que é o homem? Um vaso que pode quebrar-se ao menor abalo, ao menor movimento. Não é necessária uma grande tempestade para que se destrua; bata onde bater, se dissolverá. O que é o homem? Um corpo débil e frágil, desnudo, indefeso por sua própria natureza, que tem necessidade do auxílio alheio, exposto a todos os danos do destino, um corpo que quando exerceu bem os seus músculos, é pasto de uma fera, é vítima de qualquer uma, composto de matéria inconsistente e mole e brilhante somente nas suas feições exteriores, incapaz de suportar o frio, o calor, a fadiga e, por outro lado, destinado a desagregação pela inércia da ociosidade, um corpo preocupado com seus alimentos, por cuja carência hora se enfraquece, por cujo excesso hora se rompe; um corpo angustiado e inquieto por sua conservação, provido de uma respiração precária e pouco firme, a qual um forte ruído repentino perturba; um corpo que é fonte doentia e inútil, de contínuo perigo para si mesmo. Admiramo-nos da morte neste corpo, a qual não precisa senão de um suspiro?” (SÊNeca, *Consolação a Mécia*, p.42).

bem usar esta razão: “Qual é a essência característica do homem? A razão. Com ela, o homem supera os animais e se avizinha dos deuses. Mantendo-se reta e se desenvolvendo completamente, a razão realiza a felicidade humana”¹⁸.

Apresentam-se aqui em Sêneca as bases antropológicas que representam *conditio sine qua non* para que o homem possa ser realmente feliz. De fato: é justamente através desta definição de homem como ser racional, que Sêneca atinge o passo seguinte em sua argumentação para definir o que é a verdadeira felicidade. É através da própria razão que o homem consegue discernir o que efetivamente deve buscar: viver conforme a natureza.¹⁹ A consciência humana deve realizar aquilo que é ordenado por Deus, evitando o desvirtuamento da lei natural. Agir conforme a natureza é justamente o que caracteriza a atitude do sábio, que opta por seguir a retidão da vida após madura reflexão.²⁰ Para isto ocorrer é preciso, no entanto, estarmos cientes daquilo que somos, de nossa natureza. As bases antropológicas tornam-se pressupostos para o alcance da felicidade, tanto em Sêneca quanto em Boécio.

Ao homem cabe agir de acordo com os ditames da própria razão, sua própria consciência é que deve indicar-lhe o caminho a ser seguido, mesmo que a escolha deste caminho seja reprovado por

¹⁸ POHLENZ, 1967, vol. I, p. 227. “Qual è l’essenza caratteristica dell’uomo? La ragione. Con essa l’uomo supera gli animali e si avvicina agli dèi. Se si mantiene retta e si sviluppa compiutamente, la ragione realizza la felicità umana.”

¹⁹ “Daí que a vida feliz consiste em viver conforme a natureza, sem as perturbações e tentações da fortuna, que afetam a tranquilidade da alma.” (SANGALLI, 1998, p. 107).

²⁰ “Para o estoicismo, seguir a própria natureza constitui a lei primeira, a cuja imanência reduz-se não só qualquer projeto de vida, como também toda e qualquer concepção de divindade, visto que Deus e a natureza identificam-se. Seguir a Deus é seguir a natureza. O homem feliz é aquele que segue a natureza, tal como ela se apresenta, visto que não há distinção entre ser feliz e viver segundo a natureza.. Esta nos ensina que cabe ao homem viver acima das coisas transitórias, olhando altaneiro tanto para as que causam prazer, como para as que causam dor, pois tudo o que pertence ao reino do mutável não constitui o cerne da grandeza humana. Cabe levar com igualdade de ânimo tanto o sofrimento que por natureza tornou-se inevitável, como também o prazer que eventualmente acompanha alguma ação. Se a felicidade perfeita exclui de si o prazer, é porque ela se caracteriza pela constância e permanência de um estado de espírito, enquanto o prazer apresenta-se como volúvel. Ele é algo que quando sobrevém ao homem, não precisa ser rejeitado, mas de modo algum a obtenção do prazer pode ser colocado como fim do agir humano. Aliás, o sábio, que é tal por viver acima das coisas transitórias da vida, tem consciência de que a liberdade, tão difícil de ser obtida, é algo que faz com que o prazer que acompanha a operação seja-lhe tardio, pequeno, tênue.” (DE BONI, 2003, p.56-57).

outrem. Para o homem ser feliz ele deve, portanto, buscar o melhor: “Procuraremos portanto, o que é bem-feito, não o que é frequentemente feito; o que proporcionará a felicidade eterna, não o aceito pelo vulgo, péssimo juiz da verdade” (SÊNECA, *A vida feliz*, II, p. 25). Seguir aquilo que a maioria segue é prejudicial ao homem, pois causa perturbação à alma. O sábio não deve se guiar pela opinião do vulgo, da multidão.²¹ Agir conforme os ditames da própria razão é o caminho a ser seguido pelo sábio. Por outro lado, ater-se às crenças coletivas vigentes, àquilo que é socialmente aprovado no nível moral, não deve ser critério para a tomada de decisões do sábio estóico. Embora todos os homens possuam a racionalidade, poucos a usam com acribia, pois preferem seguir aquilo que a maioria aprova. Para Sêneca, é evidente que não podemos nos guiar pela opinião do vulgo: o sábio deve ser autárquico também no modo de decidir como conduzir suas ações. Estar acima do rebanho que caminho anestesiado, é tarefa do sábio:

Devemos absolutamente evitar seguir, conforme o uso das ovelhas, a grei dos que nos procedem, dirigindo-nos para onde vão todos, mas nós nos acautelamos. Nada é pior que escutar a fala da sociedade, considerando justo o que a maioria aprova, e imitar o modelo do comportamento da massa, vivendo não segundo a razão, mas pelo conformismo. É este o motivo das aglomerações de pessoas que se esmagam uns aos outros (SÊNECA, *A vida feliz*, I, pág. 24).

²¹ Sêneca é extremamente incisivo quanto ao seu posicionamento em relação ao vulgo, à multidão. A sabedoria tem como quesito fundamental estar acima da opinião corrente, pois o vulgo, numa linguagem platônica, toma sombras por realidade. Podemos perceber a contundência senequiana nesta significativa passagem: “... verifica antes que “homem feliz” não é aquele que o vulgo entende por tal, ou seja, um homem de grandes recursos monetários; é, sim, aquele para quem todo o bem reside na própria alma, é o homem sereno, magnânimo, que pisa aos pés os interesses vulgares, que só admira no homem aquilo que faz a sua qualidade de homem, que segue as lições da natureza, se conforma com as suas leis, e vive segundo o que ela prescreve; é o homem a quem força alguma despojará dos seus bens próprios, o homem capaz de fazer do próprio mal um bem, seguro do seu pensamento, inabalável, intrépido; é o homem a quem a força pode abalar, mas nunca desviar da sua rota, a quem a fortuna, apontando contra ele as mais duras armas com a maior violência, pode arranhar, mas nunca ferir, e mesmo assim raramente, porquanto os dardos da sorte, que afligem em geral a humanidade, fazem ricochete contra ele à maneira do granizo que, batendo no teto, salta e se derrete sem causar qualquer dano ao ocupante da casa.” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, carta 45).

É preciso, portanto, estar atento para não nos deixarmos levar pela opinião da maioria, bem como pelas aparências enganadoras, as falsas promessas das riquezas e das honrarias transitórias. O homem que busca ser feliz deve estar atento para encontrar aquilo que possui real valor: “Busquemos um bem real, não de aparência, constante e maiormente belo à medida que penetra na sua essência: tratemos de trazê-lo à luz.” (SÊNeca, *A vida feliz*, III, pág. 26).

Para tanto é necessário viver de acordo com a natureza, que é universal e atinge todos os homens. Ao homem cabe aceitar e adequar-se àquilo que a natureza lhe apresenta, estando preparado para quaisquer vicissitudes que possam se lhe apresentar.²² Desta forma, o homem viverá conforme a moral que deve seguir, que o leva ao bem e que lhe conduz à felicidade. Nas palavras de Pohlenz: “somente aquilo que é moral é um bem e a virtude deve sozinha ser suficiente para a felicidade”²³. Em consequência desta definição de vida feliz, deste modo de vida conforme à natureza, surge a verdadeira liberdade: a independência interior frente à quaisquer vicissitudes, estejam elas relacionadas à morte, à dor, pobreza, ou até mesmo os apetites do corpo. Esta liberdade “é o bem supremo do homem e somente a Filosofia pode proporcioná-la.”²⁴ Nas palavras do próprio Sêneca: “disso deriva uma perene tranquilidade e liberdade (...) uma grande alegria, sólida e inalterável, e em consequência a paz, a harmonia da alma...”²⁵

²² “Entretanto, como todos os estóicos, saibas que sigo a natureza: é sábio não se distanciar dela e obedecer a seu exemplo e lei. A vida feliz é, pois, aquela adequada à natureza e alcançável em primeiro lugar pelo espírito sadio e perpétuo possuidor desta saúde; em segundo lugar pelo espírito forte, vigoroso e além de tudo paciente e apto a resistir a todas as provações, solícito – mas sem titubeios – aos cuidados do corpo, dedicado a procurar outras benesses que alegrem a vida, sem inebrios, gozando os dons da fortuna sem escrivizar-se a ela” (SÊNeca, *A vida feliz*, III., p.27).

²³ POHLENZ, 1967, vol. II, p.75. “solo ciò che è morale è un bene e la virtù deve bastare da sola alla felicità.”

²⁴ POHLENZ, 1967, vol.II, p. 81. “Essa è el bene supremo dell’oumo e solo la filosofia può procurarcela.”

²⁵ SÊNeca, *A vida feliz*, III. P.27-28. Segundo Sangalli, “Essa liberdade, no sentido de independência frente às vicissitudes da fortuna, é a marca do sábio estóico antigo.” (SANGALLI, 1988, p. 109).

O homem feliz, na visão senequiana, sabe suportar quaisquer dificuldades que surjam no seu caminho, pois estas dificuldades são consideradas momentos da lei natural.²⁶

Sêneca também se refere, em seu *De vita beata*, ao comportamento que o sábio deve ter diante das riquezas. Aquele que é virtuoso, mesmo possuindo ou adquirindo riquezas, não se deixa escravizar por elas. As riquezas, para o sábio, são um meio para se viver de forma mais agradável. Mas, se por algum motivo, as riquezas não pertencerem mais a ele, o mesmo não se abalará, pois elas lhe servem como um meio para se viver melhor, não como um fim em si mesmas.

O sábio, que é senhor de si mesmo, não perde sua autonomia devido às riquezas. O mesmo não ocorre com o ignorante. Nas palavras do próprio Sêneca: “A riqueza é serva na casa do sábio e senhora na casa do néscio” (*A vida feliz*, XXVI, p.62)

O sábio que possui riquezas as tem como algo que o beneficiam. Mas uma possível mudança de circunstâncias quanto a seus bens não o perturbaria, pois o mesmo não encararia a perda material como algo que pudesse fazê-lo sofrer. Isso seria apenas mais uma contingência do mundo. Já com o ignorante, essa espécie de acontecimento se transcorre num outro nível:

Se a riqueza me escapa, não perderei mais que o valor material; tu, ao contrário, te espantarás e te sentirás privado da condição de homem sem o poder do dinheiro. Para mim a riqueza vale tanto quanto outros dons; para ti, ela é o principal. Concluindo: para mim a riqueza é minha posse; para ti, tu pertences a ela. (SÊNeca, *A vida feliz*, XXII, p.55),

O filósofo pode possuir riquezas, desde que provenham de maneira honesta. De forma irreverente, Sêneca faz uma alusão à relação do sábio com os bens materiais: “Desiste, pois, de proibir o dinheiro aos filósofos: jamais alguém condenou a filosofia à pobreza” (SÊNeca, *A vida feliz*, XXIII, p.55).

O tolo se apega aos bens exteriores, às riquezas, aos prazeres, como um fim. Isto o torna escravo dos mesmos. Já o sábio,

²⁶ “Obedecer a essa lei da natureza é obedecer a Deus. Isso é a liberdade para o estóico Sêneca.” (SANGALLI, 1998, p. 112).

mantém-se impassível diante de quaisquer mudanças exteriores que venham a ocorrer no mundo.

Tudo o que vier do exterior, portanto, não causa dano ou amargor ao sábio, pois este vê as vicissitudes da vida, sejam elas quais forem, como fatos que não devem abalar sua tranqüilidade. Assim, diante das imprevisíveis e inusitadas mudanças às quais o homem está sujeito neste mundo, cabe ao aspirante da sabedoria buscar um *modo de vida* conforme a natureza, atento a sua própria fortaleza interior (a felicidade se origina em ti mesmo), certo de que em si mesmo possui um remédio para todas as adversidades desse mundo. Desta forma, aquele que procura fazer da filosofia sua própria vida e um caminho para a felicidade, perceberá que ela, a filosofia, “introduz a luz no meio das trevas, indica aquilo que é verdadeiramente bom e mau, educa para agir retamente, cura os nossos males espirituais, coloca-se além do destino e, se a seguirmos, nos conduz até a felicidade”²⁷.

Como vemos, Sêneca percebia a filosofia como um modo de vida feliz, como uma busca do bem viver, suas obras eram constituídas de “conselhos sobre como proceder no dia-a-dia e são endereçados a pessoas que lhe expunham o estado da alma, que lhe vinham pedir orientação espiritual e um regime de vida a ser seguido” (ULLMANN, 1996, p. 38-39). Podemos então, afirmar que, para Sêneca, filosofia e vida não se diferenciavam, consistiam num único e mesmo objeto, uma vez que a felicidade consiste na prática das virtudes, sabendo viver conforme a natureza, conforme a razão. O ideal de sábio professado por Sêneca torna o homem auto suficiente, indiferente diante de dores ou alegrias, desejos e vícios, estando assim em harmonia e pertencendo à ordem superior, à natureza, tendo assim os atributos de perfeito e divino. Vale ressaltar: viver conforme a natureza permite ao homem *participar* da ordem superior que tudo rege.

Fundamental aspecto do pensamento de Sêneca está no fato de que a verdadeira felicidade não se encontra nas coisas do mundo. O homem que, como sonâmbulo, empreende seus esforços para conquistar as honras mundanas, o aplauso do vulgo, a riqueza material, a prazer efêmero, sem dar-se conta que todas estas

²⁷ M. Pohlenz, 1967, vol. I, p.58. “Essa reca la luce in mezo alle tenebre, indica ciò che è veramente buono e cattivo, ci educa a agire rettamente, ci guarisce dai nostri mali spirituali, ci colloca al di sopra del destino e, se la seguiamo, ci conduce fino alla felicità.”

contingências são transitórias e mutáveis, age como um néscio. Somente aquele que consegue alcançar a imperturbabilidade diante dos dois lados da fortuna pode ter a tranquilidade pertinente ao homem virtuoso.

Para o estoicismo Deus e a natureza identificam-se, seguir a própria natureza torna-se, então, a lei primeira a ser buscada pelo homem. À medida que nos afastamos da natureza, nos afastamos também da divindade, uma vez que não agimos conforme a razão. O vulgo, que enxerga as vicissitudes do mundo sem acuidade visual, possui a insensatez no modo de julgar as coisas. Sêneca nos mostra que o sábio ascende a verdades mais elevadas através da compreensão gerada pela razão.

O pensamento de Sêneca mostra-se extremamente atual e poderia servir como grandioso consolo àqueles que de fato, buscam a saúde da alma, ideal filosófico tão antigo, mas tão carente num mundo habituado aos entretenimentos vazios. Fazer da Filosofia a sábia provisão para a viagem foi um ideal vivido por muitos e muitos séculos e que, acreditamos, ainda possui espaço dentre tantos caminhos que a Filosofia modernamente adotou.

Referências bibliográficas

BOÉCIO, Severino. *A consolação da filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DE BONI, L.A. *De Abelardo a Lutero: estudos sobre filosofia prática na idade média*. Portp Alegre: Edipucrs, 2003.

LAÊRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 1987.

PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Trad. Jaime Bruna. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

POHLENZ, M. *La stoa: storia di un movimento spirituale*. Trad. de Ottone de Grogorio. Firenze: La Nuova Itália, 1967. Vol. I e II.

SANGALLI, I. J. *O fim último do homem – Da eudaimonia Aristotélica à beatitudo Agostiniana*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

SÊNECA, L. A. *A vida feliz*. Trad. de André Bartholomeu. Campinas: Pontes, 1991.

_____. *Cartas a Lucílio*; Trad. de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

_____. *Cartas consolatórias (a Márcia, a Hélvia, a Políbio)*. Trad. de Cleonice Furtado Mendonça Van Raij. Campinas: Pontes Editores, 1992.

_____. *Da Tranquilidade da alma*. Trad. de Guilio Davide Leoni. In: *Epicuro/ Lucrécio/ Cícero/Sêneca / Marco Aurélio*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).

_____. *Sobre a brevidade da vida*. Trad. de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L & PM editores, 2006.

ULLMANN, R. A. *O Estoicismo romano*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

